

*EPIGRAFIA E ANTICHITÀ*

---

Collana diretta da  
GIULIA BARATTA, MARIA BOLLINI, ATTILIO MASTINO

44

CULTURA EPIGRÁFICA  
Y CULTURA LITERARIA.  
ESTUDIOS EN HOMENAJE  
A MARC MAYER I OLIVÉ

*a cura di*

Giulia Baratta  
Alfredo Buonopane  
Javier Velaza

FRATELLI LEGA EDITORI  
FAENZA

*Comitato scientifico:*

Maria Bollini (Ferrara), Alain Bresson (Bordeaux - Chicago), José d'Encarnação (Coimbra), Sergio Lazzarini (Como), Attilio Mastino (Sassari), Marc Mayer (Barcelona), Ioan Piso (Cluj-Napoca), Gabriella Poma (Bologna), Manfred Schmidt (BBAW - CIL).

© 2019 Fratelli Lega Editori, Faenza (Italy)

ISBN 978-88-7594-143-7

---

Stampato nel dicembre 2019 da LINOSPRINT s.n.c. - Bologna - Italy

## ÍNDICE

GIULIA BARATTA, ALFREDO BUONOPANE, JAVIER VELAZA, <i>Totus in litteris</i> .....	p.	7
JUAN MANUEL ABASCAL PALAZÓN, El hábito epigráfico en los montes de Toledo ( <i>Hispania citerior</i> ) .....	»	13
GIULIA BARATTA, Non solo edera... alcuni casi di singolari interpunzioni epigrafiche .....	»	29
FRANCISCO BELTRÁN LLORIS, Libertos y hábito epigráfico. Algunas reflexiones .....	»	47
MARCO BUONOCORE, <i>Miliarium</i> in una nuova iscrizione dell' <i>ager Reatinus</i> .....	»	61
ALFREDO BUONOPANE, «Oh quanti spropositi!». Le postille di Scipione Maffei al <i>Novus thesaurus veterum inscriptionum</i> di Lodovico Antonio Muratori. Una nota preliminare .....	»	69
MARIA LETIZIA CALDELLI, Falsi epigrafici nella raccolta di Strawberry-Hill .....	»	87
JOAN CARBONELL MANILS, Un ejemplar anotado de los <i>Epigrammata Antiquae Urbis</i> (Romae 1521) en la Biblioteca Universitaria de Barcelona. Lectores en Cataluña .....	»	103
JOSÉ CARDIM RIBEIRO, <i>Luce corusca</i> . O <i>carmen</i> descoberto no santuário do Sol, junto ao Oceano e nas raízes do <i>promunturium Magnum</i> .....	»	117
MIREILLE CORBIER, L'historien et le philosophe: document et documentalité .....	»	125

FELICE COSTABILE, Prestiti a interesse e ‘mutuo fittizio con vendita fiduciaria’ nell’Egitto romano: i chirografi dell’ <i>eques Antonius Heronianus</i> . Nuovi dati, letture e interpretazioni dei papiri Mich. VII 438 e Fouad I 45 .....	p. 135
GIOVANNELLA CRESCI MARRONE, Messaggio funerario e ‘situazione epigrafica’: vero o falso? .....	» 165
IVAN DI STEFANO MANZELLA, Celebri versi virgiliani in lode dei datori di lavoro nelle <i>officinae figulares</i> .....	» 177
JOSÉ D’ENCARNAÇÃO, A <i>Sylloge Inscriptionum Romanarum in Cata-launia</i> , de Joseph Finestres i Monsalvo .....	» 187
MOUNIR FANTAR, RAIMONDO ZUCCA, Una nuova iscrizione con <i>litterae caelatae</i> dal <i>forum</i> di <i>Neapolis (Africa proconsularis)</i> .....	» 203
HELENA GIMENO PASCUAL, Alfonso Chacón: manuscritos y epigrafía hispana .....	» 223
YANN LE BOHEC, <i>Civis</i> au féminin .....	» 247
ATILIO MASTINO, <i>Carmina saturnia epigraphica africana?</i> Poesia popolare diffusa oppure arcaismo nelle iscrizioni funerarie di piena età imperiale tra Africa, Numidia e Mauretania .....	» 275
GIOVANNI MENNELLA, Una <i>aqua nova ex flumine perducenda</i> ad <i>Albingaunum</i> (Italia, IX regio) .....	» 311
GYÖRGY NÉMETH, Figural representations in ancient curse tablets .....	» 323
GIANFRANCO PACI, Il culto dei dioscuro a Narona .....	» 335
JOSÉ REMESAL RODRÍGUEZ, Senadores en el comercio de aceite bético .....	» 351
CECILIA RICCI, <i>C. Scribonius Curio, legatus Caesaris</i> . Riflessioni in margine al profilo di un comandante e agli ultimi segnali di un ramo familiare .....	» 373
ANTONIO SARTORI, <i>Male scripta</i> o di un equivoco del Mommsen ..	» 387
JAVIER VELAZA, <i>Las sortes vergilianae</i> , entre la realidad y la ficción .....	» 397
EKKEHARD WEBER, Augusto e la cultura epigrafica .....	» 411
CLAUDIO ZACCARIA, Leggere e scrivere nell’officina: conti, scherzi ... e un po’ di poesia .....	» 423

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO\*

A SYLLOGE INSCRIPTIONVM ROMANARVM  
IN CATALAVNIA, DE JOSEPH FINESTRES I MONSALVO

Após se ter ilustrado nas letras clássicas, no Grego e no Latim, através dos textos literários, que eram *literários*, ou seja, nem sempre retratos duma realidade concreta, Marc Mayer cedo compreendeu o alcance maior do texto epigráfico, como reflexo imediato e vivo dessa realidade. As personagens não são obrigatoriamente os grandes, os intelectuais, retratados por gente da sua classe, erudita e economicamente abastada; é o Povo, nas suas emoções, no seu sentir quotidiano; que chora os entes queridos, que suplica às divindades e que, mesmo quando louva o Imperador, é porque dele espera contrapartidas, amiúde consignadas em iniciativas visando o bem comum.

Uma outra literatura, portanto, sucinta, pensada, sentida cativou Marc Mayer I Olivé. E a nós continua a cativar, muitas vezes iluminados até pela sua tenacidade e mui erudito exemplo.

\* \* \*

Porque é que me propus apresentar hoje uma simples introdução ao estudo da obra de Finestres?

Em primeiro lugar, porque sou o orgulhoso possuidor desse livro. E, se me é permitido, explico porque hoje me pertence.

O Padre Nogueira Gonçalves, insigne historiador e professor de História da Arte da minha Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, quando completou 90 anos, chamou-me:

– Tome os livros e separatas que, ao longo dos anos, me ofereceu. Quando eu morrer, o mais provável é que ninguém lhes dê

---

\* Universidade de Coimbra.

importância e se percam. Assim, ainda os poderá voltar a oferecer a alguém.

Entre o que me devolveu, vinha... o Finestres!

Em segundo lugar, o nosso homenageado não só ficou contente por me saber proprietário desta relíquia, como é reconhecido linguista e latinista. Para os estudos epigráficos se têm encaminhado arqueólogos; mas, desde os tempos de José Vives e de Sebastián Mariner Bigorra que, aqui em Barcelona, os estudos clássicos e de Latim foram caminho seguro para os domínios secretos da Epigrafia. E por esse caminho Marc Mayer Olivé seguramente enveredou.

Finalmente, o terceiro motivo: é que Marc Mayer bem depressa compreendeu também a real importância dos manuscritos e das fontes impressas dos séculos XVII e XVIII para melhor se entender o que envolve o mundo duma epígrafe. Além disso, Finestres escreveu em latim. É um dos autores que integramos, portanto, nos escritores neolatinos – do domínio grato também ao nosso homenageado.

Disse que me propusera fazer uma introdução. E explico: são vastas, como se compreende, as possibilidades que um livro como a *Sylloge Inscriptionum Romanarum in Catalaunia* (1) nos oferece, desde a evocação do ambiente que a viu nascer, como as fontes em que se baseou, os objectivos que se propôs e o modo como encarou as epígrafes. Por consequência, ser-me-ia difícil querer «especializar-me» em Finestres, até porque correria, sem dúvida, o sério risco de – como se diz em português – «meter a foice em seara alheia», uma vez que, sendo autor da Catalunha, já mereceu e ainda merecerá mais estudos aprofundados por parte de docentes e de investigadores universitários, agora que, cada vez mais, se dá relevo à Antiguidade como fundamento da identidade singular.

José Finestres y Monsalvo nasceu em 1688 e veio a falecer em 1777, tendo deixado, como é sabido, uma obra notável, por exemplo, como docente, na Universidade de Cervera. Foi, aliás, um dos primeiros membros da Academia de Bones LLetres, de que me orgulho de ser membro, exactamente por proposta de Marc Mayer!

Não tive oportunidade de ler o estudo feito por Ignasi Casanovas, publicado em 1953 pela Editorial Balmes, de Barcelona,

---

(1) J. FINESTRES I MONSALVO, *Sylloge Inscriptionum Romanarum in Catalaunia*, Cervariae 1762.

intitulado *La Cultura Catalana en el siglo CXVIII, Finestres y la Universidad de Cervera*, que certamente trará luz sobre a personalidade e a obra de Finestres e vem na sequência do discurso proferido, a 20 de Dezembro de 1932, nesta Universidade de Barcelona, por ocasião da 2ª festa da União Intercadêmica, sob o título «La Cultura Catalana del Segle XVIII». Documentos que importará ter em conta quando se pretender situar melhor a personalidade de Finestres.

\* \* \*

O que, em linhas gerais, sabemos da atitude dos investigadores dessa época em relação à Antiguidade Clássica pode sintetizar-se em três palavras: preocupação, fantasia e estudo.

**Preocupação.** Não foi inútil, nesse âmbito, o terramoto de 1755, que destruiu Lisboa. O Marquês de Pombal, ministro de el-rei D. José I, sensível às preocupações manifestadas pelos académicos, não hesitou em ordenar a todos os párocos que respondessem a minucioso inquérito sobre o que de mais significativo deveria recordar-se de cada uma das suas paróquias. São as chamadas *Memorias Paroquiales*, ainda hoje fecundo manancial para os estudos da Antiguidade e, claro, do século XVIII. Essa preocupação se estendeu pela Europa e deu origem, como se sabe, à *Encyclopédie*, 28 volumes que Diderot e D'Alembert editaram em 1772 (o livro de Finestres, recorde-se, é de 1762, dez anos antes!). O cataclismo destruíra inexoravelmente inúmera documentação e era preciso reunir rapidamente todas as memórias, tarefa a que as Academias – através, nomeadamente, dos seus correspondentes – não hesitaram em lançar mão.

**Fantasia.** Longe ia o tempo em que, no mosteiro português de Alcobaça, Frei Bernardo de Brito (1569-1617) dedicava (D · S · P · – *de suo posuit*) «ao católico Rey D. Filipe, III do nome, Senhor de Espanha e imperador do Novo Mundo», os *Elogios dos Reis de Portugal* (livro datado de 1603), confessando que, segundo Platão, «a lembrança da nobreza e resplendor dos antepassados é a mais alegre ocupação do pensamento humano». A Filipe I de Portugal (II de Espanha) dedicara, em 1597, a 1ª parte da *Monarquia Lusitana*, na linha da *Crónica Geral de España*, de Florián de Ocampo (1543), que também vai desde a criação do Mundo até à morte dos Cipíões!

Por conseguinte, não admira que a fantasia seja preponderante.

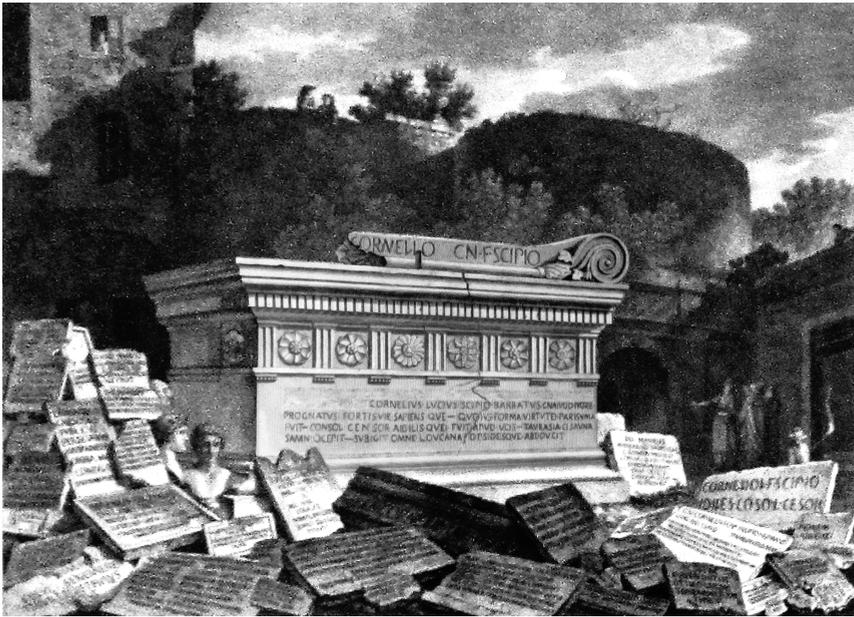


Fig. 1.

Contra ela se levantou a preocupação do **estudo**, a terceira palavra que indiquei como característica desta época. E é nesta que Finestres predominantemente se insere.

E também não é de admirar que sejam as epígrafes o alvo principal do seu estudo, pela enorme curiosidade que despertavam aqueles enigmáticos letreiros e por serem, de facto, os testemunhos mais abundantes e visíveis dessa antiguidade.

É célebre o quadro que mostra o Marquês Cipião Maffei, de Verona (1675-1755), a trocar impressões, em Nîmes, no ano de 1732, acerca das muitas epígrafes da cidade. Ou ainda uma das gravuras de Carlo Labruzzi (eventualmente de 1794), que se mostra na antecâmara do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, em Sintra (Fig. 1). É a 7<sup>a</sup> de uma série sobre a Via Ápia que este gravador fez por encomenda de Sir Richard Colt Hoare (1758-1838). Representa a entrada para o sepulcro da família dos Cipiões, rodeado de placas gravadas, em torno do majestoso e bem conhecido sarcófago de *Cornelius Scipio* com o seu elogio (CIL VI, 1284 e 1285), que se encontrara em 1780, achado que tanta repercussão viria a ter.

\* \* \*

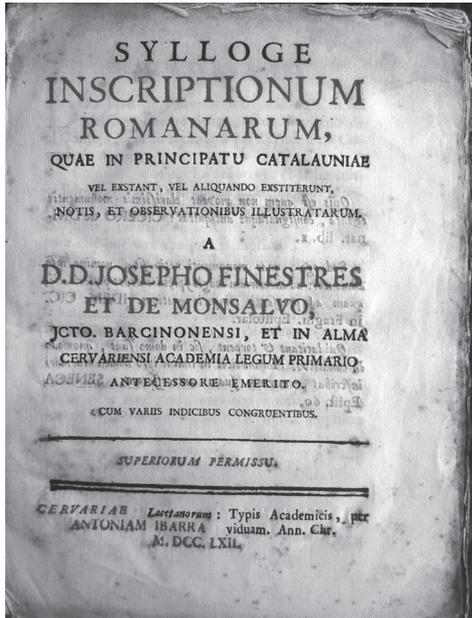


Fig. 2.

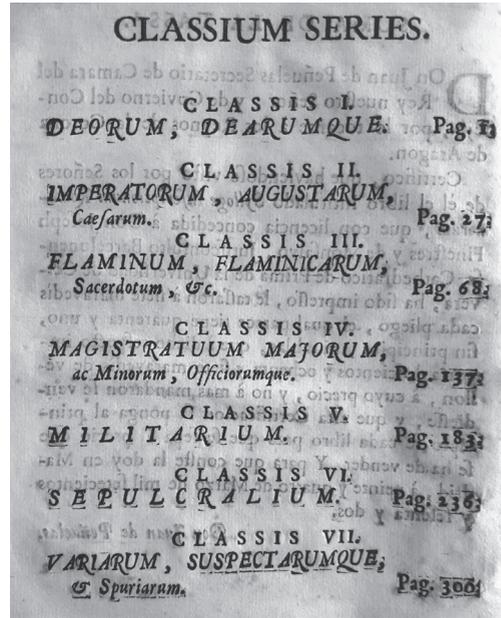


Fig. 3.

Finestres inclui-se, pois, no número dos que privilegiaram esse tipo de monumentos da Antiguidade.

Aqui está a imagem do frontispício (Fig. 2). Logo nas primeiras páginas se determina o preço de venda, que há-de ser de 287 maravedis, pois tem 41 cadernos de 8 páginas cada. Mostra o índice (Fig. 3) que o Autor escalonou as epígrafes por temas (as divindades, a família imperial...), num contraste com as histórias ricas em fantasia de outros escritores da sua época, que misturam a ficção com a realidade e tentam enobrecer as suas cidades nelas colocando feitos gloriosos de Hércules e outros heróis. Não. Aqui estamos perante um *corpus* epigráfico no sentido pleno do termo. É o «primeiro *corpus* sistemático que pretende recolher o conjunto da epigrafia da zona», escrevem os autores de *IRC I* (2). «Mais do que um trabalho de Epigrafia», explicam, «trata-se de um ensaio de classificação e de interpretação que mereceu as críticas de Florez, mas que foi ilustrado e continuado por um homem mais vocacionado para a verificação no terreno, R. Llàtzer de Dou» (*ibidem*).

(2) G. FABRE, M. MAYER, I. RODÀ, *Inscriptions Romaines de Catalogne: I. Barcelone (sauf Barcino)*, Paris 1985, p. 31.

Note-se, desde já, que o critério é **temático** e não **geográfico**. A organização das epígrafes segundo uma lógica geográfica vai acontecer mais tarde. Sê-lo-á no CIL; sê-lo-á, de modo especial, nos nossos tempos, quando a identidade passa a ser vista a um nível local e regional. Anote-se que os *corpora* que surgem a partir da década de 80 do século passado na Península Ibérica, designadamente em território espanhol, são patrocinados pelas Diputaciones Provinciales – e nós sabemos bem porquê!...

\* \* \*

É um hábito entre epigrafistas homenagear os confrades através da invenção de uma inscrição honorífica, de acordo com o figurino romano. Não é esta, porém, uma invenção nossa, de homens do século XX ou do século XXI! Pasmese! No livro de Finestres, no final da sua declaração, o censor jesuíta Matthaëus Aymerich propõe que a *Provincia Hispaniae Citerioris ex pecunia publica* erga uma estátua a este *vir benemerentissimus*, em cuja base marmórea se grave a inscrição que na Fig. 4 se reproduz, a qual «Finestresii memoriam serae posteritati ad aliorum incitamentum transmittat».

E, por isso, digna é a obra: «Quantum ad nos pertinet, IMPRIMATUR». Licença datada «Coelsonae 18. Aprilis 1761».

\* \* \*

Longo é o prefácio, em que Finestres dá conta dos seus objetivos, começando por afirmar que a sua obra:

- a) se destina ao *eruditus* e ao *rudis*
  - solicita ao erudito que seja paciente em relação aos erros que eventualmente tenha cometido e que benignamente os corrija;
  - ao *rudis*, que se deixe incendiar *antiquitatum nostrarum amore*, ao conhecer estas «venerandas relíquias» e ao verificar quão digníssimas são as informações que delas se depreendem.
- b) E continua:
  - 1) se tal houver conseguido, *gaudebo*;
  - 2) se contribuir para despertar maior interesse pela *nostrarum inscriptionum enarratio magis vero exultabo*.
- c) Conclui afirmando que há muito que reúne epígrafes e foi



*marmorarium*, uma vez que não dispunha de espaço para mais.

Termina declarando que a ausência de pontuação *multam antiquitatem probat*.

Esta inscrição foi estudada por Hübner (*CIL* II, 4081) e por Alföldy (*RIT* 36), sem qualquer alteração de leitura.

\* \* \*

A fim de se ficar com uma ideia do modo – já bem nosso contemporâneo, aliás – como Finestres elabora cada ficha, permita-se-me que apresente quatro exemplos.

### 1. Pelendones e Arevaci - *inscrição n.º 5* (Fig. 5)

Esquema da ficha (p. 5): indicação do local de achamento da epígrafe («prope BLANDAS»); bibliografia; proposta de leitura, comentário.

Neste, começa por referir os autores antigos (Ptolemeu e Plínio) e interroga-se sobre qual será a melhor interpretação: estaremos em presença de dois povos diferentes e cada um, embora simultaneamente, presta homenagem ao seu génio? – «Sed quid illud, *Pelendones Arevacon*, cum essent diversi populi? An dicemus utrosque simul suo genio aram dedicasse?». Outra hipótese seria – considera Finestres – estarmos perante povos vizinhos, inclusive por se haver escrito *Arevacon*, «more Graecorum», o que leva a pensar que se trata de «Pelendones ex Arevacis».

A epígrafe foi recolhida do conhecido livro de Grutero, onde

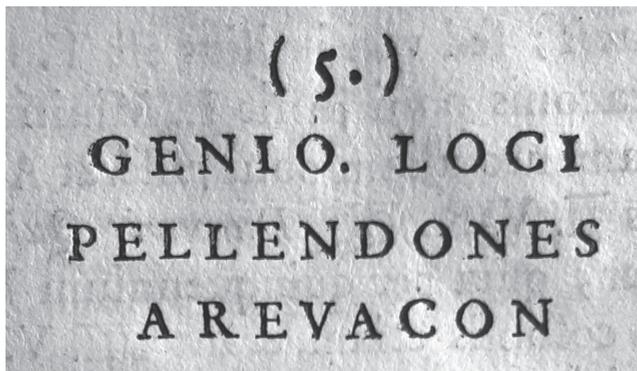


Fig. 5.

figura, como Finestres assinala, na pág. 111, com o n° 5, dando como fonte as fichas de Antonius Augustinus. Em relação ao local de achado, Grutero acrescenta «via publica».

Hübner incluirá a epígrafe entre as suspeitas (*CIL* II, 420\*), no capítulo LIV. ILVRO, sem que apresente, para o efeito, uma razão contundente, pois apenas afirma: «Ita ut traditur certo non fuit in lapide», acrescentando, porém: «sed potest subesse genuini aliquid». «Unde inter suspectos relegavi, maxime propter societatem sequentis n. 417\*». Ora, 417\* refere-se a duas colunas encontradas à porta da *casa Gralla*, dos duques de Medinacelli; não se enxerga, por isso, «societas» alguma. E a ‘perplexidade’ (chamemos-lhe assim) de Hübner, patente neste obscuro raciocínio, está manifesta também no facto de concluir: «Pelendones Arevacorum vicini circa Augustobrigam [...] sedes habuerunt».

Pelo que pude aperceber-me em fugaz consulta bibliográfica, esta epígrafe não terá voltado a ser mencionada, ainda que haja bastante literatura acerca dos dois povos nela referidos, sempre com base, de modo especial, nas passagens que já Finestres apresentara, de Ptolemeu e Plínio-o-Antigo. Para dar somente três exemplos: Urbano Espinosa Ruiz procurou precisar como é que as cidades de Arévacos e Pelendones juridicamente se integraram no Império Romano, no decorrer do Alto Império (3) (1984); Liborio Guerra debruçou-se sobre o território e os costumes dos Pelendones (4) (1993); e Leonard Curchin, ao analisar a complexidade do processo de «romanização» da Hispânia central, não hesitou em explicitar essas passagens mais citadas:

«The Pelendones are first mentioned in 76 BC (in the corrupt form *Cerindones*) as neighbours of the Arevaci; Livy (fr. 18) describes both groups as *gentes*» (5) (2003, p. 37).

Também aqui, nas 36 linhas que Curchin dedica a este povo, a alusão a uma possível dedicatória comum ao *Genius Loci* (*CIL* II, 417\*) não existe.

(3) U. ESPINOSA RUIZ, «Las ciudades de Arévacos y Pelendones en el Alto Imperio: su integración jurídica», in *Actas del I Symposium de Arqueología Soriana*, Soria 1984, pp. 305-324.

(4) L. GUERRA, «Los Pelendones: territorio y costumbres», in *Hispania Antiqua* 17, 1993, pp. 21-50.

(5) L. A. CURCHIN, *The Romanization of Central Spain: Complexity, Diversity and Change in a provincial hinterland*, London 2003.

Confesso que essa total ausência não deixa de ser singular – a não ser que eu tenha orientado mal a pesquisa. Se, todavia, estou certo, este constituirá eloquente exemplo da passagem a um testemunho epigráfico do dado transmitido por fontes clássicas, um dado que, por sua vez, não parece ter sido posto em causa: a proximidade dos dois povos.

Por conseguinte, poderá deduzir-se que, segundo o erudito epigrafista, nada mais convincente para documentar a veracidade dessas fontes do que pensar estarmos perante a iniciativa de ambas terem mandado gravar – como sinal de concórdia e boa vizinhança – um monumento *Genio Loci*, ou seja, à divindade maior que protegia dos perigos e dos inimigos comuns o lugar e os seus habitantes irmãos!

De facto, não é iniciativa de ambas as etnias; contudo, ao nomearem-se, à maneira grega, como muito bem assinalou Finestres, *Pelendones Arevacon*, ou seja, «dos Arévacos», expressão passível de traduzir-se por «seus vizinhos», não poderia tal junção significar que, no fundo, se trata de uma iniciativa comum? Temos dito, aliás, que os libertos que fazem questão em identificar por completo o seu patrono ou a sua patrona nas dedicatórias votivas por si mandadas lavar visam, com essa atitude, associá-lo (ou associá-la) à dedicatória que estão fazendo. Idêntico estratagema não poderia ter estado presente aqui?

Perguntar-se-á, chegados a este ponto das considerações: então, quer isso dizer que há que repensar o estigma de «suspeita» lançado por Hübner? Quer, uma vez que o epigrafista alemão, além de – à cautela – escrever, como vimos, «sed potest subesse genuini aliquid», aponta apenas duas razões da rejeição («inter suspectos relegavi»):

- A primeira, a referida ‘proximidade’ com a epígrafe 420\*, «maxime propter societatem sequentis n. 417\*», argumento desprovido de senso, como se viu.
- A segunda: «Ita ut traditur certo non fuit in lapide». E porquê? Vem a identificação da divindade, uma divindade, de resto, bem apropriada à circunstância! Os povos solicitam os favores do Génio que preside ao seu território! E vem, depois, a identificação do dedicante. Não traz fórmula final? Poderia ter trazido e o copista a ter omitido, para se cingir ao principal; (6) mas o essencial está lá e, entre os

---

(6) Recordaria que, durante muito tempo, se considerou que uma das ámulas de *Conimbriga*

múltiplos exemplos que poderíamos aduzir (inclusive em pedestais de estátuas da actualidade...), ocorre-nos o conhecido altar fundacional onde somente se lê IOVI OPTVMO MAXVMO CIVITAS COBELCORVM (7).

Por conseguinte, o repto está lançado!...

## 2. *Um pormenor gráfico (CIL II, 4376)*

O n° 67 (p. 274) das inscrições funerárias foi copiado da pág. 874 de Grutero (8), onde tem o n° 2. Informa Grutero que a copiou de «Schotto», isto é, de um dos volumes das *Hispaniae Illustratae* do jesuíta holandês André Schott (1552-1629), por vezes, indicado somente por Escoto. Não vêm especificados o volume nem a página donde a menção foi retirada; apenas que a epígrafe foi encontrada fora de Tarragona («extra TARRACONEM») e numa vinha («in vinea Petri Guimarani»).

Não há motivo para que o epitáfio – que assume, aliás, carácter laudatório – não seja autêntico. Hübner aceitou-o (CIL II, 4376) e G. Alföldy (9) não lhe pôs qualquer objecção, ainda que o monumento esteja perdido.

A razão por que se me afigurou de interesse apresentá-lo aqui prende-se com o facto de Grutero (e, possivelmente, também a sua fonte, Schott) ter tido o cuidado – que Finestres realça – de anotar que há, no texto, letras grafadas à maneira grega; não o explicitam, mas escrevem-nas com caracteres gregos, para que melhor se entenda. Não creio que se trate de uma inscrição em que coexistam caracteres latinos e caracteres gregos; o que se passou foi que, na leitura, se observou, aqui e além, uma pronunciada grafia actuária, que não se hesitou em referir e em esclarecer a equivalência – e este se me afigura um dado a reter, como testemunho, quando se queira ajuizar da veracidade das transcrições. Neste caso, para um epígrafista actual, nada de anormal se o A

---

apresentava o texto *L(aribus) Aquitibus*, apenas, porque assim o arqueólogo Vergílio Correia escrevera; quando se encontrou o monumento, verificou-se que o texto completo incluía também o nome do dedicante e a fórmula final! (J.M. GARCIA, «Da epigrafia votiva de Conimbriga. Observações e novos monumentos», in *Conimbriga* 26, 1987, pp. 48-49).

(7) H. FRADE, «Ara a Júpiter da *civitas Cobelcorum*», in *Ficheiro Epigráfico* 58, 1998, n° 266.

(8) I. GRUTERUS, *Inscriptiones antiquae totius orbis Romani in absolutissimum corpus redactae*, Heidelbergae, 1603. 2ª edição: Amstelaedami, 1707.

(9) G. ALFÖLDY, *Die römischen Inschriften von Tarraco*, Berlin 1975, n. 601.

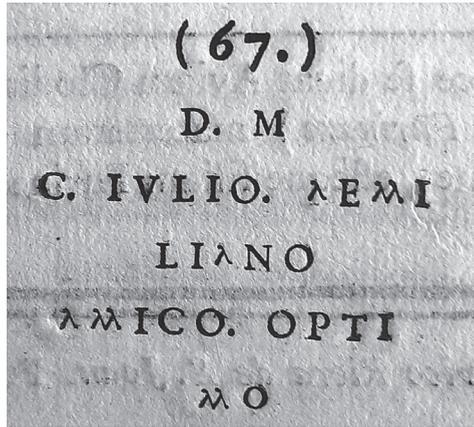


Fig. 6.

não tiver travessão (qual lambda –  $\lambda$ ) e se as hastes do M não se tocarem no vértice mas sim a meio, como se se tratasse de um  $\mu$  em ponto grande (Fig. 6).

### 3. Divo Augusto (CIL II, 4094)

Trata-se do pedestal mandado erguer *Divo Augusto* por *M. Acilius Nymphodotus*. Foi incluído por Géza Alföldy no seu *corpus* (RIT 65), por ter sido mármore encontrado «há pouco», como Finestres esclareceu, no meio das ruínas do templo de Santa Madalena, em Tarragona. Foi o jesuíta Padre Bartolomeu Pou que lhe remeteu o texto (*apographum*). Em HEPOL (10) n° 9806 se reproduz a fotografia da epígrafe.

Três razões me levaram a aduzir este exemplo:

- 1<sup>a</sup>) Hübner viu bem o módulo maior de DIVO e traz AVG em abreviatura, quando Finestres não hesitara em fazer o respectivo desdobramento (AVGVSTO). Por outro lado, escolheu bem o módulo das letras, porque, de facto, tanto AVG já está em módulo menor que DIVO, e o nome do dedicante foi grafado em caracteres de módulos ainda menores. Terá o caso a ver com as necessidades de paginação e um *ordinator* sabedor assim faria.

---

(10) HEPOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, Universidade Complutense de Madrid. Acessível em <http://eda-bea.es/>.

- 2<sup>a</sup>) Aventa Finestres a hipótese de ser esta, quanto saiba, a inscrição mais antiga da Catalunha, porque, em seu entender, este *Augustus* é o que foi *Octavianus* e a dedicatória data «post Augusti mortem et apotheosin». Tece, de seguida, outras considerações acerca desta divinização imperial, aduzindo textos probatórios das suas afirmações, e não hesita em anotar que *Nymphodoti nomen servile est*, o que, a exemplo de outra *Nymphodote* (CIL II, 4087 = RIT 47), nos permite incluí-lo no número dos libertos.
- 3<sup>a</sup>) Perante o que atrás se mencionou, cumpre não esquecer que – para pormenores gráficos – não pode fazer-se finca-pé nos livros mais antigos, pois não havia a percepção, que hoje temos, de determinados pormenores. Assim, de facto, o texto que conhecemos obedece, na sua paginação, a um eixo de simetria e Finestres assim o indicou; sucede, porém, que todos os textos por ele transcritos obedecem a um eixo de simetria!... Além disso, a diferença de módulos não foi anotada; é um pormenor, então não significativo e que seria, por outro lado, de difícil e laboriosa execução tipográfica. Aspectos, pois, a ter em conta.
- 4<sup>a</sup>) Por se haver reencontrado, não há muito tempo, CIL II, 182, de *Olisipo* (11), em que os dois dedicantes (e são apenas dois, registe-se desde já!) se identificam como *augustales* e o homenageado é *Divo Augusto*, convirá, porventura, perguntar:
- a) Se não terá havido uma movimentação geral no Império que levou as principais cidades a promover tal homenagem.
  - b) Se a iniciativa partiu do colégio dos *seviri augustales* ou foi a população que lhes lembrou esse dever.
  - c) Se, no colégio, uma vez que – com muita frequência – nas epígrafes apenas surge um ou dois dos seus membros, haveria funções específicas, ‘presidenciais’ (diríamos), representativas.
  - d) Voltando ao caso em análise, não nos repugnaria, por isso, que *Nymphodotus*, ainda que não o mencionando, pertencesse, tivesse pertencido ou fosse candidato a integrar o colégio dos *augustais*. Daí, a sua iniciativa.

---

(11) C. QUINTEIRA, J. d'ENCARNAÇÃO, «Pedestal ao divino Augusto, de *Olisipo*, reencontrado», in *SEBarc* VII, 2009, pp. 143-146.

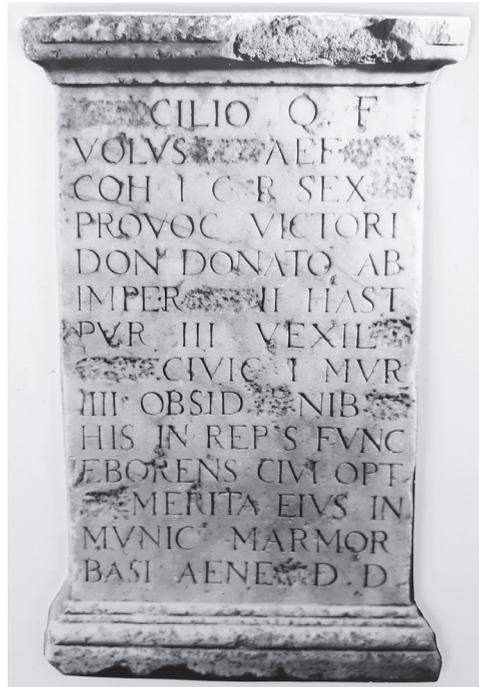


Fig. 7.

#### 4. Omnibus honoribus (CIL II, 4232, RIT 296)

Cito, a concluir, esta inscrição em honra de *L. Numisius Ovia-nianus* [que foi inscrito na tribo Palatina, cuja *origo* (TARRAC) se não olvidou, e do qual se lembram as funções de tribuno da I Coorte Macedónica e o exercício do flaminato provincial – por isso, especialmente, a *provincia Hispania Citerior* lhe presta homenagem], porque aí vem exarada uma frase notável: *omnib(us) honorib(us) in re p(ublica) sua funct(us)*. *Honor* é, como se sabe, o cargo – era uma honra ser escolhido!... – e, neste caso, atendendo a que os cargos obedeciam a uma hierarquia, usar essa fórmula equivalia a dizer que o seu currículo a nível local fora integralmente cumprido e, por isso, ascendera à carreira equestre, mediante o tribunato militar.

Também neste caso há pormenores a reter, mormente porque Hübner viu (*contuli*, escreve) o monumento no pátio do palácio episcopal e pôde, por isso, aperceber-se do nexu VN (em *functus*) e da existência de um só O em *chort(is)*.

A frase referida regista-se cerca de três dezenas de vezes na epigrafia tarraconense. Seria, decerto, bem conhecida de André de Resende (1500-1573), que, a meu ver, mui perspicazmente a inseriu num dos textos honoríficos que mandou elaborar em honra de um ilustre lusitano, Volusiano, prefeito da I coorte dos cidadãos romanos (12) (Fig. 7). André de Resende, que tudo fez para enaltecer os afamados currículos dos guerreiros portugueses (lusitanos, para ele), numa altura em que se procurava mostrar quão valorosos os Lusitanos haviam sido na luta contra o invasor romano, como no seu tempo – nesse entardecer do século XVI – urgia ser herói para impedir a investida castelhana que já se vislumbrava no horizonte. As epígrafes de Barcelona e de Tarragona não eram desconhecidas dos estudiosos e ofereciam, de resto, bons testemunhos que importava não desperdiçar. E, nesse aspecto, André de Resende não deixou os seus créditos por mãos alheias (13).

\* \* \*

E assim, sob pretexto de evocar a obra de Joseph Finestres i Monsalvo, concluímos pela sua modernidade na acutilância como se apercebeu do elevado interesse histórico dos monumentos epigráficos.

1. Reflectimos sobre uma epígrafe que, declarada suspeita por Hübner, foi *ipso facto* erradicada dos *corpora*, sem que, porventura, novas análises pudessem ter permitido chegar a outras conclusões. Tratava-se de uma vulgar dedicatória ao Génio do lugar mandada lavrar pelos Pelendones que nela se identificavam como «sendo» dos Arévacos. Tanto um como outro destes povos pré-romanos foram posteriormente objecto de estudo, nomeadamente para se lhes atribuírem cidades, divindades, território. Curiosamente, todavia, essa sua dedicatória – quiçá, a primeira – nunca mais terá sido referida (pelo que nos foi dado perceber) e até pode pôr-se em causa a liminar rejeição adoptada por Hübner sem uma razão plausível.

2. O pormenor gráfico, que a Grutero e Finestres não passou despercebido, de, na inscrição que viria a ser *CIL* II, 4376, o A ter sido grafado como lambda e o M como  $\mu$  maiúsculo permitiu-nos

(12) J. D'ENCARNAÇÃO, *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra 1998, pp. 47-49.

(13) J. D'ENCARNAÇÃO, «Da invenção de inscrições romanas pelo humanista André de Resende», in *Biblos* 67, 1991, pp. 193-221.

deduzir que, com mais frequência do que se pensa, boa parte das epígrafes coligidas poderão ter sido observadas *de visu*.

3. O pedestal mandado erguer *Divo Augusto* por *M. Acilius Nymphodotus* sugeriu duas novas questões:

- a) Terá havido uma ordem ou, pelo menos, uma intenção generalizada, por parte das cidades, de evocarem e honrarem a divindade de Augusto?
- b) Terá o colégio dos *augustales*, no âmbito das suas obrigações institucionais chamado a si esse encargo? Em caso afirmativo, a circunstância de não aparecer referido o *collegium* como promotor da homenagem, mas sim dois ou um dos seus membros, quererá significar que havia uma hierarquia e que, em tais ocasiões de prestígio, eram apenas os nomes dos membros mais influentes que na pedra ficavam consignados?

4. *Omnibus honoribus in re publica sua functus* é expressão recorrente na epigrafia de *Tarraco*, quando se pretendeu homenagear quem, a nível local, exerceu todas as funções. O aparecimento dessa fórmula numa inscrição de Évora, seguramente forjada por André de Resende, constitui um dos argumentos que pode levar a que foi Resende um dos fiéis correspondentes do jesuíta Andreas Schott (1552–1629), cujo 2º volume das *Hispaniae Illustratae* (14) insere, de resto, os *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae*, de Resende, de 1593.

\* \* \*

Tempo é de concluir!

Manuscritos, inscrições forjadas, escritores do século XVIII representam, sem dúvida, domínios em que Marc Mayer y Olivé mui cientificamente se movimenta.

Estou certo, porém, de que a jubilação ora anunciada não será nunca o termo de uma carreira, mas sim o começo de uma fase ainda maior de produção científica. Para enorme proveito de todos nós!

---

(14) A. SCHOTT, *Hispaniae Illustratae*, Francofurti 1603.